

Versão Online ISBN 978-85-8015-037-7
Cadernos PDE

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2007

VOLUME I

GEOGRAFIA EM SALA DE AULA

Joseane de Fátima Tambosi¹

Professor orientador: Roberto Filizola

IES: UFPR

RESUMO

O presente artigo pretende ilustrar as várias etapas que compuseram as atividades propostas no programa PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) em todo o seu transcurso. O estudo das paisagens locais é o objeto de estudo deste trabalho, cuja finalidade é oportunizar ao educador um repensar sobre a importância da aula de campo em geografia, na tentativa de transpor obstáculos, vencer desafios ou simplesmente refletir sobre o insucesso e buscar um proceder mais criativo e mais próximo do educando. Neste sentido, o projeto foi desenvolvido junto aos alunos da 5ª série do Ensino Fundamental da Escola Estadual República Oriental do Uruguai, situada no bairro Capão da Imbuia, visando utilizar a aula de campo com o objetivo de permitir a observação e a compreensão do espaço cotidiano do educando. Desvendar o porquê das paisagens locais, entender a lógica das mesmas, o seu processo de construção e suas possíveis transformações.

Palavras-chave: Ensino da geografia. Alfabetização geográfica. Dinâmica da paisagem. Produção do espaço.

ABSTRACT

This article aims to illustrate the various stages that composed the proposed activities in the PDE (Program for Educational Development) throughout its passing. The study of the local scenery is the object of study of this work whose purpose is to nurture an educator rethink on the importance of geography class in the field, trying to overcome obstacles, overcome challenges or simply reflect on the failure and seek a more creative proceed and closest to the student. In this sense, the project developed with the students in the 5th grade of primary school State of the Oriental Republic of Uruguay, situated Imbuia the capon in the district, aims to use the class of field in order to allow the observation and understanding of everyday space of educating . Unravel why the local landscape, understand the logic of them, their construction process and its possible changes.

Keywords: Teaching of geography. Literacy-geographical dynamics of the landscape. Production of space.

¹ Aluna do Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Educação do Estado do Paraná.

O estudo geográfico permite conhecer o mundo, obter informações, estudar, analisar e tentar explicar o espaço produzido pelo homem. No estudo da organização do espaço, faz-se necessário buscar as causas que lhe deram origem. Considerando que a geografia é uma disciplina, o estudo geográfico deve considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser algo distante da realidade do mesmo ou uma seqüência de assuntos soltos, desconexos e de difícil compreensão. A geografia dos bancos escolares deve permitir que o educando sinta-se participante da sociedade em que vive e perceber-se como um ser histórico que cria e transforma o espaço. “A geografia existe desde sempre, e nós a fazemos diariamente”, segundo Castrogiovanni et al., (2003, p. 11).

Conforme Andrade (1989, p.31):

Há no estudo geográfico uma parte descritiva daquilo que está à mostra, inclusive nas transformações que se apresentam, como também aquela parte que foge à percepção visual e é representada pelas razões que deram origem à forma, que ditaram as suas transformações e as perspectivas de transformações futuras.

Compreender as constantes transformações no processo de construção do espaço deve ser algo acessível ao aluno. Para isso, o que vai sendo estudado não pode ser definido como algo imutável e definitivo. Importa desenvolver uma alfabetização geográfica para que o aluno construa conceitos, o que finalmente resulta em aprendizado. Analisar, pesquisar e tentar entender a realidade que vivencia no seu cotidiano buscando extrapolar e exercitar a crítica sobre essa realidade.

Segundo Callai (1998), ao desenvolver a construção de conceitos, o aluno não fica apenas na memorização, o aluno que consegue perceber que o espaço é construído por todos os homens e que a sociedade é responsável por este espaço, compreenderá espaços e estruturas mais distantes.

A escola e a geografia devem considerar o conhecimento que o aluno trás de casa e permitir que ele supere o senso comum ao confrontar a sua realidade concreta com o conhecimento cientificamente produzido. Segundo Gramsci, *apud* Mochcovitch (1990, p. 15), “as representações do mundo que o senso comum permite, são sempre ocasionais e desagregadas, são formas de um conformismo imposto pelo ambiente exterior (ideologia dominante) e por outros grupos sociais”.

A razão do processo educacional é o estudante, por isso parece interessante que o conteúdo que o professor escolher para uma discussão em sala de aula, deve estar ligado à vida dos alunos e à realidade em que vivem. O enfoque aplicado pelo professor deve ultrapassar a escala do amontoado de conhecimentos soltos, indo além de um conhecimento estático de uma paisagem acabada, tem que revelar o movimento através do qual a sociedade é construída, produzindo um espaço cheio de historicidade. O espaço no qual o aluno vive, faz parte da sua história pessoal. Os significados, os conceitos, as noções formam parte do desenvolvimento nas inteligências pessoais. Conforme Somma (2003, p. 65):

Ignorar essa forma de aprender seu espaço real é além de um erro pedagógico, uma forma de desconhecer o aluno como pessoa, nós professores de geografia, temos a oportunidade de transformar essas percepções desordenadas, baseadas em uma dinâmica funcional, em categorias de conteúdos e habilidades significativas para o desenvolvimento da inteligência. A escola deveria ressignificar essas idéias prévias. Para que essa atuação formativa se dê é necessária a conjunção do professor à linha pedagógica e ao pensamento geográfico que adota.

O ensino da geografia deve oportunizar situações em que o aluno teorize e textualize suas significações. A riqueza da existência humana e a necessidade para existir a geografia está no fato de sermos diferentes e existirem lugares diferentes, como ensina Castrogiovanni (2003).

A proposta desenvolvida para atender as etapas do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), consta: da produção do Folhas e a proposta de intervenção em sala de aula.

A proposta de intervenção está relacionada ao estudo das paisagens do bairro tendo a aula de campo como mecanismo para esta tarefa. O local escolhido para ser estudado é o próprio local de vivência do aluno, ou seja, o bairro. Assim, foi iniciado um levantamento com alunos sobre que aspectos eles tinham conhecimento a respeito da origem do bairro, e a seguir, foram orientados para que fizessem uma pesquisa sobre o bairro Capão da Imbuia a partir das informações contidas nos órgãos oficiais. Após a coleta de todas as informações trazidas por eles, todos saíram a campo a fim de observar as paisagens e levantar indagações sobre o aspecto, disposição e função de cada paisagem, buscando o porquê daquela realidade ali apresentada, suas motivações históricas, culturais e econômicas.

A aula de campo foi usada como recurso para tentar superar os limites da sala de aula e fazer relação com o resgate histórico do bairro, ressaltando que isto significa um retorno e uma retomada da história familiar de cada um (seus pais, avós e outros parentes). Permitir e criar condições para que ele trabalhe com a sua realidade próxima, para conhecer o lugar em que vive e construir os conceitos necessários, tanto para aprendizagens futuras e para que o aluno possa começar a exercitar o processo de compreensão do mundo em que vive.

A IDÉIA DE ESPAÇO

O espaço é a categoria central para o estudo geográfico. Dentre os conceitos e definições existentes sobre o espaço geográfico, é pertinente adotar a concepção elaborada por Santos (1982, p.38), que define esta categoria como: "a acumulação desigual dos tempos", definindo o espaço como heranças. O mesmo autor refere-se ao par espaço-tempo, como categorias indissociáveis, permitindo uma reflexão sobre o espaço como coexistência de tempos, podendo ser definido metodologicamente e teoricamente por três categorias: a forma, a estrutura e a função. Isto significa que o espaço pode sofrer uma análise formal, estrutural e funcional (Lefèbvre, 1974), não sendo correto analisar estas três categorias considerando-as como independentes. Ao contrário, a interpretação do espaço só é coerente e possível através de uma análise que combine simultaneamente estas três categorias. Para tanto, a proposta de intervenção em sala de aula objetiva o exercício de uma geografia através da qual, os alunos possam realizar uma leitura de forma não fragmentada em relação àquilo que está sendo estudado, mas que percebam sentido e significado no seu cotidiano, observando, descrevendo, indagando e representando a pluralidade das paisagens e lugares, na intenção de compreender o seu papel de participantes no processo de transformação do espaço.

Para a finalidade de estudo das paisagens do bairro, que é o foco deste artigo, cabe retomar o conceito elaborado por Santos (1982), que define o espaço como heranças. Esta abordagem permitirá analisar o espaço geográfico pela

conjunção dos elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais. Intencionando assim, conceber a paisagem como forma (formação) e funcionalidade (organização), percebendo-a como um processo de construção e reconstrução de formas e sua dinâmica social, permitindo que ela seja analisada como um reflexo das condições sociais.

Segundo Castrogiovanni (2003) esse espaço em que se vive e no qual se ocupa um lugar para morar existe em si mesmo. É uma dimensão da realidade, é um conceito que precisa-se compreender e construir no interior do processo de aprendizagem. Para o autor, o espaço é construído pelos homens que vivem nele. Ao invés de conhecer e descrever para se adaptar, se ajustar, deve-se procurar entender o espaço como resultado de uma dinâmica e, a partir daí, dar condições ao aluno para que ele se situe neste processo. Deve-se reconhecer que é possível construir o espaço, e que a forma como ele se apresenta, no momento atual, é o resultado da história de quem vive nele e como vive nele. Por isso, é necessário perceber que é possível construir o espaço em que se vive. Neste caminho, ao observar o lugar específico e confrontá-lo com outros lugares, tem início um processo de abstração que se assenta na relação entre o real, aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração da compreensão do que está sendo vivido. Outrossim, cada fenômeno estudado deve considerar sempre que tal como ele se apresenta não esgota todas as possibilidades de explicações. Desse modo, o estudo de um local específico, permite que o aluno constate a organização do espaço, que possa perceber nele a influência e/ou interferência dos valores e segmentos da sociedade, dos interesses políticos e econômicos ali existentes e também de decisões externas ao município, confrontando-se inclusive com interesses locais e da população que ali vive. O espaço deverá ser tratado mostrando seus aspectos naturais como recurso, fazendo a vinculação dos mesmos com os processos de ocupação, sem, no entanto, dar caráter determinista, ou seja, parte-se de situações concretas para mostrar ao aluno a relevância da universalização das relações no seu dia-a-dia.

Os pressupostos teóricos acima descritos auxiliaram no desenvolvimento do trabalho com os alunos e serviram como fundamentação utilizada para a observação das paisagens do Bairro Capão da Imbuia, que é a aula de campo.

AS RELAÇÕES ENTRE OS ELEMENTOS QUE CONSTITUEM A PAISAGEM

Visto que a paisagem é o ponto principal do estudo a ser desenvolvido neste artigo, cabe entender a paisagem como uma materialização do espaço geográfico (SANTOS, 1982), resultante das múltiplas interações entre o trabalho social e a natureza, devendo ser percebida não somente como fruto das atividades econômicas ou de formas de adaptações entre o homem e a natureza, mas também, dos fatores culturais. A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a uma outra forma que atenda às novas necessidades da estrutura social.

Sendo assim, a paisagem deve ser entendida como um conjunto de formas que expressam as heranças e o comportamento de uma sociedade que se transforma para atender às necessidades da estrutura social. Para tanto, a paisagem não deve ser vista como se os objetos que a formam trouxessem em si a sua própria explicação. Levar em conta os fatores econômicos e culturais faz-se necessário para tentar analisar a paisagem.

Dominar os conceitos de espaço, paisagem e lugar é imprescindível para a compreensão da geografia como forma de desvendar a natureza dos lugares e do mundo como habitat do homem. Por isso, a geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento, como explica Castrogiovanni (2003).

INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA

A turma escolhida para desenvolvimento da proposta de intervenção, foi uma turma de 5ª série do Ensino Fundamental da Escola Estadual República Oriental do Uruguai, situada no Bairro Capão da Imbuia em Curitiba, Estado do Paraná. A classe, composta por 32 alunos na faixa etária entre 11 e 12 anos, foi bastante receptiva à exposição das propostas do trabalho a ser realizado, demonstrando curiosidade e empolgação.

Primeiramente, através de uma conversa informal com os alunos, algumas questões foram levantadas com a intenção de diagnosticar se eles já haviam parado para observar de que forma o espaço do bairro está organizado (considerando que alguns deles moram no próprio bairro); que paisagens ele apresenta; se o bairro sempre foi como ele está hoje, e se já presenciaram alguma mudança na forma do lugar como: alteração de ruas, construções, demolições de casas, dentre outras. As respostas vieram à tona através de muitos relatos, destacando que haviam presenciado algumas mudanças. No entanto, observou-se um silêncio entre eles ao convidá-los a tentar explicar as possíveis causas dessas transformações. Este silêncio já era esperado.

Com a intenção de lançar as primeiras idéias sobre concepção de espaço, foi feito um pequeno retrocesso no tempo, explicando para eles que ao longo da história o homem construiu, inventou e produziu muitas coisas de acordo com suas necessidades, utilizando os recursos oferecidos pela natureza. A aparência do espaço foi sendo modificada conforme cada momento histórico. Em muitas sociedades do passado os homens utilizavam a natureza somente para retirar dela a sua sobrevivência: alimentos, madeiras, fibras de tecido e outras. Assim, a natureza era pouco modificada.

No decorrer da conversa foi lançada uma nova indagação: As transformações que ocorrem hoje em dia no espaço estudado, acontecem de forma mais lenta ou ocorrem com maior rapidez?

Num momento posterior, foi pedido aos alunos que observassem a rua onde cada um mora e fizessem um desenho ilustrando os elementos ou objetos que podiam ver, assim foram orientados a identificar os objetos naturais e os objetos construídos pela ação humana.

Após a elaboração das representações, passou-se a fazer a análise das mesmas, considerando aqui o olhar geográfico e seus conceitos, culminando na definição de paisagem na tentativa de fazê-los perceber que a paisagem é a forma do espaço que se vê, sendo produzida pela ação do homem que o transforma conforme seus interesses.

Ainda a partir das ilustrações do espaço que foram produzidas pelos alunos, foram tomados alguns exemplos que se tornaram úteis para a compreensão do conceito de paisagem e de suas mudanças, concluindo que aquilo que se vê (campo ou cidade), é um reflexo do uso que os seres humanos fazem do espaço. Por exemplo, um terreno baldio pode ser usado para a construção de uma praça, uma horta ou um prédio. No caso da construção de uma praça, ela terá um nome que poderá ser dado em homenagem a alguma pessoa de importância histórica, ou pode ainda representar um acontecimento relevante para o contexto local ou até mundial.

Se um prédio for construído no local, ele poderá ter a função de ser uma moradia, um hospital, um centro comercial, uma escola ou outra, tentando fazê-los perceber que os grupos sociais organizam e reorganizam os espaços segundo suas necessidades ou interesses.

CONHECENDO A HISTÓRIA DO BAIRRO

Para que os alunos obtivessem informações oficiais a respeito da origem do bairro e conhecer um pouco da história do lugar, foi solicitado que fizessem uma breve pesquisa consultando os registros existentes no site da Prefeitura Municipal de Curitiba, a fim de coletar respostas para as seguintes questões:

- 1) Como surgiu o bairro? Quem foram os primeiros moradores?
- 2) Qual era o aspecto do bairro no início de sua formação? Havia área de floresta?

- 3) Existia algum tipo de atividade econômica?
- 4) Como se apresenta o aspecto do bairro nos dias atuais? Há uma concentração maior de casas, comércio ou indústrias? Existe alguma área preservada?

A grande maioria dos alunos não encontrou dificuldade para responder as questões propostas. Em relação à primeira questão e as que seguem, as informações trazidas por eles constam no site da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Quanto à segunda questão, os alunos descrevem o bairro, como de uma urbanização recente com características de subúrbio acentuada por ser limítrofe ao município de Pinhas (PR). Para os alunos, havia uma grande área de florestas no local.

Na terceira questão, os alunos relataram que o Capão da Imbuia, juntamente com o bairro Tarumã e Cajuru, formam um centro de comércio regional.

Nos dias atuais (quarta questão), foi ressaltada a presença da antiga Universidade do Esporte, onde treinava a equipe brasileira de Ginástica Olímpica. Citaram também que o bairro apresenta uma acentuada valorização no setor imobiliário nos últimos dois anos. Relataram ainda que foi na data de 1975, através de uma medida administrativa que o mesmo foi criado na área que pertencia ao bairro Cajuru. Essa medida foi tomada devido ao fato de os moradores dessa área do Cajuru chamarem a região de “Capão da Imbuia”, porque nesse lugar havia uma porção de imbuia no meio do campo (capão). Essa madeira, quase inexistente nos dias de hoje na flora paranaense foi muito utilizada para fabricação de móveis. Citaram que havia a existência de um lodaçal e um banhado que aos poucos foi sendo transformado em área de criação de bovinos e eqüinos.

Os alunos também relataram os limites do bairro, sendo a Avenida Victor Ferreira do Amaral sob o Rio Atuba, seguindo pelo Rio Atuba (não retificado); Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá; Marginal da BR-116; Rua Agamenon Magalhães; Divisa com o Estádio Pinheirão (excluindo); Rua Armando Prince e Avenida Victor Ferreira do Amaral.

Nesta fase do trabalho pode-se perceber o empenho de alguns alunos ao consultar seus familiares e vizinhos sobre a origem do bairro, fato este que permitiu uma retomada da história familiar do educando, que pode através dos relatos coletados, imaginar como era a vida dos primeiros moradores no bairro.

AULA DE CAMPO NO BOSQUE CAPÃO DA IMBUIA

Para o desenvolvimento desta atividade foi elaborado um guia de percurso, o qual permitiu a observação e o registro de informações sobre a conformação e a funcionalidade espacial, com a intenção de sensibilizar os alunos para as formas que os cercam no seu cotidiano, representado pelo bairro e suas diferentes paisagens. Visa compreender o ambiente local, desvendar os sentidos, os porquês das paisagens, entender a lógica das mesmas, o seu processo de construção e suas possíveis transformações. Ribeiro (1980, p. 16) diz que os guias de percurso resultam em sugestões de caminhada a serem feitas, por exemplo, com classes de escolas primárias, no sentido de que desde cedo aprenderem à cidade como um fenômeno sociocultural, mas também imagético.

Os alunos fizeram uma breve pesquisa consultando o site do IPPUC sobre o local a ser geograficamente explorado, tomando assim conhecimento sobre alguns fatos históricos, características naturais e extensão do local, permitindo uma observação sistemática do local sob orientação e intervenção da professora.

O guia de percurso utilizado foi elaborado tendo como local de saída com alunos, a Escola Estadual República Oriental do Uruguai, seguindo pelas ruas que limitam o bairro e alguns pontos internos do mesmo. Alguns itens foram definidos de antemão para que os alunos pudessem realizar uma observação e uma leitura mais organizada do espaço como:

- distribuição do aspecto geral do bairro, quanto à estrutura das ruas e sua organização;
- distribuição espacial das casas, destacando os locais onde há uma maior concentração habitacional;
- aspectos relacionados ao meio ambiente como: presença de esgoto a céu aberto, lixo nas ruas, poluição do ar e etc.

A utilização do guia de percurso permitiu ao aluno fazer registros e representações do que foi sendo observado, exercitando a criatividade através da verbalização ou produção de texto, na elaboração de desenhos ou croquis.

O guia de percurso foi utilizado intencionando permitir que o grupo pudesse estabelecer opiniões e fazer uma apreciação crítica para a problematização dos

fenômenos observados e para o estabelecimento de hipóteses e encaminhamento à investigação.

A planta a seguir mostra o roteiro utilizado para o deslocamento, tendo o ponto de partida a escola, seguindo em forma de uma “alegre” caminhada até o Bosque Capão da Imbuia, percorrendo o trajeto em cerca de 20 minutos.

O Bosque Capão da Imbuia, anexo ao Museu de História Natural, representa uma importante paisagem no bairro, pois revela um pouco da história local. A área do bosque foi doada à Prefeitura Municipal de Curitiba em 1955, pela família Reginato e tornou-se uma área de lazer e referência científica sobre o meio ambiente. Os alunos consultaram o site do IPPUC para fazer a pesquisa.

Possui uma área de 39 mil metros quadrados, onde imbuias canelas e pinheiros são preservados. Uma das atrações do bosque é o Caminho das Araucárias. Trata-se de uma trilha de 400m de comprimento, por dentro de um bosque natural de araucárias, com mata densa, onde 12 vitrines e painéis espalhados ao longo da trilha, mostram as relações entre a fauna e a flora.

Na aula de campo desenvolvida no bosque citado anteriormente, os alunos tiveram a oportunidade de observar o local sob a orientação de um monitor que através de uma explicação, permitiu aos alunos conhecer um pouco da fauna da região, destacando as questões de preservação da vida animal e sua importância para a manutenção do equilíbrio ecológico.

No trajeto pela trilha das araucárias, os alunos fizeram anotações sobre os objetos visualizados nas vitrines dessa trilha, objetos estes que foram fabricados a partir de madeiras nativas, demonstrando suas várias formas de utilização.

Em sala, após o retorno da aula de campo, foi lembrado aos alunos, alguns pontos importantes através das seguintes indagações:

- 1) Em que data foi iniciado o processo de exploração da madeira naquela local?
- 2) De que forma era realizado o processo de corte, transporte e beneficiamento da madeira?
- 3) Quais eram, os locais de destino da madeira ali explorada?
- 4) Quais as alterações na organização do espaço que esta exploração começou a provocar?

Estas indagações direcionadas aos alunos tiveram por objetivo provocá-los e levá-los a refletir de forma a perceberem a necessidade de pesquisa sobre o assunto e tentar desenvolver um olhar mais atento às paisagens do espaço que os cercam. Na observação da realidade local e na busca de informação, pretende-se exercitar uma atitude de questionamento, de provocação e de curiosidade,

procurando compreender as causas que lhe deram origem como resultado das relações entre a sociedade e a natureza.

Como resultado da pesquisa sobre a exploração da madeira local e suas conseqüências para o meio ambiente, os alunos trouxeram basicamente as mesmas informações. Relataram que de maneira geral a exploração da madeira no Estado do Paraná teve seu início por volta de 1780 através do ciclo da madeira (principalmente araucária e imbuia), da qual Curitiba dependeu para crescer, pois os empresários da madeira que enriqueceram em torno de pólos como Ponta Grossa e Palmas, resolveram investir na capital do Estado. As florestas de araucárias nativas cobriam o Estado e em 100 anos cerca de 80% dessa cobertura vegetal foi derrubada. De toda essa enorme riqueza natural de floresta que se tornou a árvore símbolo do Paraná e que inspirou o nome da capital, Curitiba, terra de muitas araucárias, restou apenas 1%. Nos dias atuais a área de floresta natural do Paraná representa algo em torno de 17800 km quadrados.

Foi também através de pesquisa que os alunos trouxeram informações sobre as conseqüências da exploração da mata nativa e seus reflexos no meio ambiente, relatando que com retirada da cobertura vegetal provoca aquecimento e empobrecimento do solo, aumento da poluição e o assoreamento dos rios (foi feita uma pausa para a explicação desse fenômeno), aumento da temperatura do ar (fato este que os alunos perceberam na aula de campo no Bosque Capão da Imbuia, pois dentro da mata nativa lá existente, a temperatura do ar é menor em relação ao ambiente externo à mata).

Quanto à finalidade da exploração da madeira local e em outras áreas florestais do Estado, era de além de fornecer madeira para construção de casas, igrejas, cercas, pontes, estábulos e outros, o objetivo da exploração era o de extrair e serrar madeira para exportação.

Após uma conversa sobre as informações trazidas pelos alunos, foi sugerido a eles que tentassem definir qual era a formação do espaço do bairro naquele contexto do período da exploração da madeira local, como eram as ruas, qual o número de casas existentes, como era realizada a atividade comercial, enfim, de que forma as pessoas viviam na área que hoje constitui o bairro Capão da Imbuia.

Num momento posterior, dando continuidade ao estudo do bairro, considerando tudo o que os alunos haviam pesquisado sobre a disposição espacial da área do bairro no passado, quando os alunos saíram para observação de campo.

A aula de campo teve seu ponto inicial em frente a Escola Estadual República Oriental do Uruguai e seguindo pelas ruas que limitam o bairro, com algumas incursões pelo espaço interno do mesmo. O trecho foi percorrido de ônibus, com algumas paradas nas quais os alunos puderam descer para uma melhor observação. A duração de todo o trajeto, incluindo as paradas para observação teve uma duração aproximada de 3 horas. O desenvolvimento dessa aula de campo será descrito a seguir.

AULA DE CAMPO PARA OBSERVAÇÃO DAS PAISAGENS DO BAIRRO

Munidos de material para anotações e da planta do bairro, iniciamos a aula de campo, saindo da escola e seguindo pelas ruas que limitam o bairro. Durante o trajeto, foi pedido aos alunos para que observassem alguns aspectos do bairro preenchendo uma ficha de anotações que continha as seguintes perguntas:

- 1) Que tipo de paisagem é mais comum?
- 2) Existe alguma área preservada?
- 3) De maneira geral, como se apresenta o aspecto do bairro? Há uma concentração maior de casas, comércio ou indústrias?
- 4) E em relação à limpeza do bairro, há lixo nas ruas? Há lugares com esgoto a céu aberto?

Durante o trajeto foram feitas algumas paradas para observar e para chamar a atenção dos alunos a respeito da aparência de algumas casas, sobre a estrutura das ruas (se eram asfaltadas ou não), se havia calçamento, valetas, dentre outras.

A partir dessas observações solicitadas, os alunos perceberam que em alguns locais havia uma melhor estruturação urbana, ou seja, ruas asfaltadas, casas grandes e de bom aspecto e rede de esgoto. Em contrapartida, perceberam outros locais do bairro, onde predominavam casas simples e de madeira localizadas em ruas de chão e com esgoto à céu aberto. Nestes trechos muitos alunos fizeram comentários sobre o mau cheiro que sentiram e sobre a presença de lixo nas valetas.

Outra observação solicitada foi sobre a presença de atividades comerciais. Os alunos puderam ver que são vários os pontos de comércio espalhados pelo bairro, sendo que há uma grande concentração de lojas numa das ruas, no caso a Av.

Victor Ferreira do Amaral, que constitui uma importante via de acesso aos bairros vizinhos e ao município de Pinhais (PR).

Um aspecto que chamou a atenção dos alunos foi a situação na qual se encontra o Rio Atuba, onde há muito lixo, mau cheiro e as suas águas encontram-se bastante escurecidas. Aqui neste ponto da aula, alguns alunos imediatamente lembraram dos comentários feitos pelos seus avós e parentes que em tempos mais antigos já eram moradores do bairro. Contaram tê-los ouvido falar de como era o aspecto do rio antes do crescimento urbano no local, sendo que naquela época não havia lixo nem mau cheiro e as águas eram límpidas. Tentei lembrá-los das aulas de ciências e o que já tinham aprendido sobre as questões relacionadas ao meio ambiente e sobre a importância de depositar o lixo em locais apropriados para este fim. Relembrem as consequências que a ocupação humana pode provocar no espaço quando ela se dá de forma incorreta e irresponsável.

Através de uma conversa, os alunos foram aos poucos percebendo que hoje o rio é sujo, pela falta de cuidado da população que mora nas proximidades e não só esta população, pois o problema é generalizado. Neste momento da aula, não foi pertinente aprofundar a questão sobre a poluição levantando suas origens. Após esta parada às margens do rio retornou-se à escola.

ANÁLISE GERAL DO MATERIAL ESCRITO NA AULA DE CAMPO

Analisando o material escrito que os alunos produziram durante a aula de campo e nas questões direcionadas, 100% dos alunos responderam que no bairro predomina a paisagem geográfica (classificação esta que já era esperada), 100% deles, responderam que existe uma área preservada, que é a do Bosque Capão da Imbuia. Em relação à caracterização geral do bairro, aproximadamente a metade dos alunos o descreveram como sendo um bairro sujo, com muito trânsito de carros e poluído e de maneira geral com um aspecto feio. O restante dos alunos consideraram o bairro como sendo de bom aspecto, mas ainda tem muita sujeira nas ruas e relativamente tranquilo para morar.

Relembrando o objetivo da aula de campo que é o de tentar compreender as causas que deram origem as paisagens que existem no local e de que forma a sociedade é responsável por este processo, fez-se indispensável chamar a atenção dos alunos para que percebessem a si mesmos como participantes dessa construção. Isso se deu alertando-os sobre certos tipos de comportamento, como por exemplo, o cuidado com o lixo que cada um produz.

Neste contexto ficou evidente a importância de educar os alunos para que ajam de modo responsável e com sensibilidade, na tentativa de conservar o ambiente que usam saudável no presente e para o futuro. Assim, eles devem saber exigir e respeitar os direitos próprios e os de toda a comunidade e se modifiquem tanto interiormente, como pessoas, quanto nas suas relações com o ambiente.

Seguindo o ensinamento de Castrogiovanni et al. (2003) é importante que os alunos conheçam a realidade em que se vive. E conhecer a realidade vai além de identificar o que existe. Supõe discutir as formas como se expressam, como se apresenta a realidade, entender não apenas o produto, mas, basicamente, os processos que os desencadeiam.

Levando em conta esses aspectos, foram sugeridas aos alunos algumas atividades pedagógicas relacionadas ao lixo, tais como: na disciplina de história pesquisar a relação das diversas civilizações com lixo ao longo da história e estimular debates em torno da realidade pesquisada, enfocando o lixo e o ambiente. Na disciplina de geografia, elaborar mapas de produção e destino do lixo, contextualizando a realidade social do aluno; em matemática, usar os números do lixo para propor problemas e elaborar noções de conjunto, frações, percentuais, gráficos, dentre outros; na disciplina de português, elaborar redações textos e roteiros para vídeo, teatro, jornal e outros; em artes: confeccionar brinquedos, utensílios, obras de arte, instrumentos musicais com sucata, reciclagem de papel e outros; em ciências, estudar os ciclos da natureza e discutir a interferência do lixo nos ecossistemas e na vida do planeta.

Numa segunda etapa foi solicitado aos alunos a coleta de amostras de lixo no bairro em estudo, por meio do qual eles foram esclarecidos sobre o tempo de

decomposição dos materiais, como: cigarros: 20 meses; papéis: 3 a 6 meses; plásticos: 100 anos; garrafas de vidro: 4 mil anos e outros. As noções de comportamento são aqui estabelecidas, porque levam os alunos a adquirir o sentido dos valores sociais, um sentimento profundo de interesse pelo meio ambiente e a vontade de contribuir para sua proteção e qualidade. Fundamental para a participação dos alunos é mostrar os riscos de que a atitude desmazeladora em relação ao meio ambiente, como a depredação de árvores, dentre outras, pode trazer para futuras gerações.

Citaram-se os desmatamentos da Amazônia, as queimadas e outros. Outro aspecto importante a ressaltar é no que tange a redução do lixo: o aluno precisa aprender a reduzir a quantidade do lixo que gera, quando possível. Deve entender que a redução não implica padrão de vida menos agradável. É simplesmente uma questão de reordenar os materiais que usa diariamente. Neste sentido, o conceito de se reutilizar os mesmos objetos, representa não só economia, como de preservação ao meio ambiente. Assim, escrever nos dois lados de uma folha de papel, ou usar embalagens retornáveis e reaproveitar embalagens descartáveis para outros fins, são apenas alguns exemplos.

A seguir, os alunos conheceram alguns conceitos básicos da reciclagem, que consiste na transformação de material usado em material novo, e que pode ser usado novamente. Neste sentido, o plástico pode ser utilizado em vários produtos como sacos de lixo, mangueiras, brinquedos e até peças de veículos. O papel velho pode ser reciclado, economizando-se 50% de energia, além de reduzir a poluição do ar em 95%. A reciclagem de latas comuns produz uma economia de energia da ordem de 74%, reduzindo a poluição do ar em cerca de 85%, diminui em 95% o volume relativo do lixo e em 76% a poluição das águas. O vidro pode ser reciclado infinitas vezes, e quando reciclado reduz a quantidade de emissão de poluentes no ar em cerca de 20% e na água em cerca de 50%. Desse modo, a reciclagem é a forma mais racional de eliminação de resíduos, pois o material usado volta para o ciclo de produção, solucionando o problema de superlotação nos aterros sanitários, além de combater o desperdício.

Outra questão que pareceu relevante comentar está relacionada ao julgamento que determinados alunos fizeram sobre o aspecto de alguns pontos residenciais, classificando uns como “bonitos” e outros como “feios”, revelando uma leitura estética da paisagem e inconscientemente impulsionada por valores apregoados pela idéia do mundo capitalista de consumo que valoriza o “ter” em detrimento do “ser”, e que os faz pensar que as pessoas que moram em casas bonitas são mais felizes e mais importantes dentro da sociedade local.

Conforme ensina Castrogiovanni (2003, p. 21): “a geografia estuda os lugares. Os lugares ligam-se às diferentes necessidades e vontades: morar, comprar, divertir-se, trabalhar, etc. Os lugares dependem entre si. Estudar as relações entre eles é fundamental”. Estabelecendo um contraponto com a leitura estética da paisagem efetuada pelos alunos no bairro Capão da Imbuia, foi possível sugerir algumas reflexões. Em primeiro lugar, as “diferentes paisagens materializam/concretizam as desigualdades sociais que temos no Brasil ou qualquer outro lugar. Grandes contrastes sociais levam a grandes contrastes geográficos”, segundo Castrogiovanni (2003, p. 21). Possivelmente, isso significa que residências mais “feias” ou mais “bonitas”, podem revelar a capacidade aquisitiva de seu morador ao construí-la, ou seja, no primeiro caso, podem ser moradores mais pobres, que também gera muitos conflitos na luta por mais dignidade. Já no segundo caso, pode revelar uma condição social mais favorecida de seu morador e que tem condições de deixar sua casa mais apresentável.

Neste momento foi desenvolvida uma longa discussão envolvendo conceitos fundamentais como: natureza, sociedade e cultura, na intenção de fazê-los entender o espaço de uma forma mais crítica e reflexiva, tentando abandonar os preconceitos e apontar o caminho para uma visão do ambiente local como sendo o fruto de uma sociedade desigual e excludente. É importante citar aqui as palavras de Kaercher (1998, p.174) que diz:

Os espaços são desiguais e isso não deve ser visto apenas como obra da natureza. Compreender as desigualdades sociais e espaciais é uma das grandes tarefas dos geógrafos educadores para que a nossa ciência instrumentalize as pessoas a uma leitura mais crítica e menos ingênua do mundo, que desemboque numa participação política dos cidadãos a fim de

que possamos ajudar a construir espaços mais justos e um homem mais solidário e tolerante com o outro.

Essas colocações deixam claro que “sem entender as relações (políticas, econômicas, etc.) entre os seres humanos não entenderemos a geografia. A geografia precisa ver como os homens transformam o espaço em que vivem!”, segundo Castrogiovanni (2003, p. 20).

Com essas noções, o aluno poderá ser capaz de conhecer a si mesmo, fazer comparações, distinguir similaridades e contrariedades, buscar explicações e compreender as múltiplas relações que diferentes sociedades em épocas variadas estabeleceram e estabelecem com a natureza na construção de seu espaço geográfico. Foi mostrado aos alunos que buscar a origem dos problemas econômicos fará com que eles tenham maior compreensão de que eles próprios fazem parte desse ambiente e que está em suas mãos a escolha de agir ativa ou passivamente nessas transformações.

Neste sentido, o estudo sobre a natureza, sociedade e cultura são amplos. No processo de relação da natureza com a sociedade, a construção do espaço tem de ser compreendida pelo aluno, ou seja, como o homem produz seu espaço, dominando ou devastando a natureza e criando um espaço organizado no lugar do espaço natural. Por isso, é importante desenvolver o espírito de pesquisa para compreender a natureza e suas paisagens.

No caso da cultura, é necessário mostrar aos alunos a sua importância, reconhecida como parte indispensável das identidades individuais e sociais. É importante refletir que a cultura, quando valorizada, apresenta-se como componente do pluralismo próprio da vida democrática.

Com receio de digredir o assunto e aos objetivos da aula de campo, que sem dúvida poderia abrir espaço para outras discussões importantes da geografia, foi prudente encaminhar e desenvolver as questões propostas, com o cuidado de não permitir que o assunto se torne estanque e que a discussão se dê por acabada, mas sim, permitir que novas indagações e questionamentos possam gerar novos trabalhos a serem tratados com os alunos.

CONCLUSÃO

Considerando a realidade apresentada e o conteúdo específico da disciplina de geografia, ficou clara a importância da mesma que permite ser um instrumento útil para ler e entender o mundo, para exercitar a cidadania e para formar o cidadão.

No entanto, o professor deve ir além de um conhecimento estático, deve passar a idéia de movimento, por meio do qual as pessoas, ao construírem a sociedade, produzam um espaço com suas marcas.

Os alunos demonstraram pouco conhecimento e ao final da pesquisa e aula de campo, eles conseguiram se apropriar de conhecimentos significativos reafirmando a importância da necessidade de conhecer o espaço local.

Muitos alunos reclamam da sujeira do bairro, situação em que foram sugeridas várias atividades sobre o cuidado com o lixo. Nesta ocasião, os alunos demonstraram bastante interesse em relação às tarefas, o que lhes permitirá, certamente, aliar os conceitos recebidos com a prática.

As situações de aprendizagem criadas permitiu que os alunos pudessem fazer múltiplas comparações, distinguir similaridades e buscar explicações para a construção de seu espaço geográfico.

Para finalizar, ressalte-se que a possibilidade de um tratamento interdisciplinar pode realizar-se se houver visão de totalidade e respeito a outras abordagens, abandonando-se, certamente os radicalismos e preconceitos e evitando-se a superficialização no tratamento do estudo do espaço e paisagens geográficos. Uma das finalidades desse ensino, certamente é auxiliar o aluno a entender-se como sujeito social, construindo sua identidade através da promoção de valores que se concretizam em atitudes de participação e cooperação social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Caminhos e descaminhos da geografia**. Campinas: Papyrus, 1989.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. *In*: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula**, práticas e reflexões. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula:**práticas e reflexões. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

GELPI, Adriana. Guia de percurso urbano. *In:* CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula:**práticas e reflexões. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

KAERCHER, Nestor André. A geografia é o nosso dia-a-dia. *In:* CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula:** práticas e reflexões. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

LEFÉBVRE, H. *La production de l'espace*. *In:* SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

MOCHCOVICH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. São Paulo: Ática, 1990.

SOMMA, Miguel Ligüera. Alguns problemas metodológicos no ensino de Geografia. *In:* CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula:**práticas e reflexões. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.